



## Criando em *RumVoguing*: Insubmissa Educação

## Creating in *RumVoguing*: Unsubmissive Education

## Criando en *RumVoguing*: Educacion Insumisa

Eloah De Jesus<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

### Autor correspondente:

Eloah De Jesus

E-mail: [dii1324@academico.ufs.br](mailto:dii1324@academico.ufs.br)

**Como citar:** Jesus, E. (2026). Criando em *RumVoguing*: Insubmissa Educação. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 7(1), e20511. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks7120511>

### RESUMO

Escrever é um ato de subverter a lógica e quebrar regras. Entendendo o processo da criação como arte-manha ético política, a presente pesquisa tece, através das narrativas de uma escrita teórica-metodológica-narraetnografica, um fazer feitiçarias, produzir mandingas e revelar o fogo fátuo de vidas outras. Um vivenciar narrativas vivas de corpos-baile-terreiro, no intuito de construir novos aprendizados e ensinagens. Embebidos aos conhecimentos de Alfrancio Ferreira Dias, Belijane Feitosa, Conceição Evaristo, Jonas Feitoza, Megg Raiara Gomes Oliveira, Beatriz Moura, Leda Martins, Jonas Souza, e outros. Vamos aqui, em coletivo, em Egbe, construir passarelas de uma performance educativa insubmissa..

**Palavras chave:** Educação Insubmissa; RumVoguing; Narraetnografia

### ABSTRACT

Writing is an act of subverting logic and breaking rules. Understanding the process of creation as a political ethical craft, this research weaves, through the narratives of a theoretical-methodological-narraetnographic writing, a making sorcery, producing mandingas and revealing the fatuous fire of other lives. An experience living narratives of corps-baile-terreiro, in order to build new learning and teachings. Soathed with the knowledge of Alfrancio Ferreira Dias, Belijane Feitosa, Conceição Evaristo, Jonas Feitoza, Megg Raiara Gomes Oliveira, Beatriz Moura, Leda Martins, Jonas Souza, and others. Let's go here, collectively, in Egbe, to build catwalks of an insubmissive educational performance.

**Keywords:** Unsubmissive Education; RumVoguing; Narratography

## RESUMEN

---

Escribir es un acto de subvertir la lógica y romper las reglas. Entendiendo el proceso de la creación como artesanía ética política, la presente investigación teje, a través de las narrativas de una escritura teórica-metodológica-narraetnográfica, hacer brujería, producir mandingas y revelar el fuego fátuo de otras vidas. Una experiencia narrativas vivas de cuerpos-baile-terreiro, con el fin de construir nuevos aprendizajes y enseñanzas. Embebidos a los conocimientos de Alfrancio Ferreira Dias, Belijane Feitosa, Conceição Evaristo, Jonas Feitoza, Megg Raiara Gomes Oliveira, Beatriz Moura, Leda Martins, Jonas Souza, y otros. Vamos aquí, en colectivo, en Egbe, a construir pasarelas de una actuación educativa insumisa.

**Palabras clave:** Educación Insumisa; RumVoguing; Narratnografía

## INTRODUÇÃO

---

Na cosmovisão e cosmopercepção das vivências em terreiro, aprendemos pela oralidade e observância que as/os orixás são emanções da natureza (Feitosa, 2022), (Rufino, 2019), (Moura, 2023). Com Osun, dona das águas doces, aprendemos a lavar as nossas joias e a se priorizar, a olhar no abebè e ver a frente, os mistérios não revelados. Com Ogun e Oyá, aprendemos a cortar com alfanges, o mal pela raiz, a construir o novo, a negociar. Com Nanã, aprendemos que a lama é cura, é proteção, é processo. Com o fogo de xangô, aprendemos a iluminar os caminhos, e manter viva a esperança.

Levando essas ensinagens (Feitosa, 2022) para o corpo-baile, o abebè se torna o leque, que celebra nossas vivências e afasta o preconceito estrutural. As alfanges tornam-se movimentos das mãos, em performance vogue. A lama de Nanã é o chão do baile, que acolhe e cura, nas suas diferentes potências. E a fogueira de Xangô, é o isqueiro, simbologia do baile, metodologia viva, que aquece, incendeia e guia os caminhos. Todos esses caminhos, de aprendizagens e ensinagens insubmissas, nos trazem ao cerne desta escrita, onde citaremos as mandingas feitas e encarnadas até chegar às poéticas-narrativas.

## O ISQUEIRO

---

O isqueiro é um símbolo dos corpos-baile, trazendo na sua significância uma narrativa de celebração. Ao chegar a um baile, você sempre encontrará alguém com um isqueiro em mãos, seja para acender um cigarro, seja para riscá-lo em celebração e comemoração a uma categoria. Sendo assim, nada melhor que denominar essa categoria, no intuito de explicar os seus encarnamentos.

A escrita parte de um local encruzilhado, do interesse em celebrar corpos-baile-terreiro, compreender as suas construções educativas insubmissas, e trazer à tona uma ensinagem artevista (Ramos, 2025). Assim nasce dois conceitos primordiais, a metodologia Narraetnográfica e o RumVoguing. A narraetnografia como uma metodologia encarnada de afetos e vivências cruzadas, e o RumVoguing como uma encruzilhada entre a performance do chão de terreiro e do baile.

A ênfase dessa pesquisa se dá nas narrativas poéticas, gestadas pelas artistas aqui celebradas. E para que isso ocorresse, um convite foi enviado. Dentre corpos-bailes e corpos-terreiro, 10 pessoas foram selecionadas, obtendo um aceite de 7 dessas pessoas. O convite foi enviado via rede social (WhatsApp e Instagram), para facilitar e viabilizar o acesso. Após o recebimento, essas artistas confirmaram (ou não) o aceite, e decidiram como enviariam os materiais de análises. A escolha seria por conta delas, assim como ficou livre a forma de compor essas narrativas. Após o recebimento desses materiais (a maioria em áudio), as transcrições foram feitas, com riquezas de detalhes, e sem fazer alterações, e compuseram a pesquisa. Como

a escrita segue sendo um posicionamento ético político e uma celebração em coletivo, e atendendo ao pedido das artistas, que assinaram um Termo de Consentimento para que seus nomes fizessem parte da escrita, nenhum nome que aparecerá nas narrativas é pseudônimos, mas reais e viscerais.

Esperamos que o isqueiro acenda, queime, incendie, celebre, dê caminhos, aqueça, seja sinal de encotramentos, grite, berre, seja visto, ensine, e aprenda, faça novas descobertas, seja fogo fatuo, fogo perpétuo.

## **POÉTICAS DE UM ENCONTRO ENCRUZILHADA**

---

Construir projeto. Submeter projeto. Arriscar. Ficar em dúvida. Ser aprovada. Iniciar a travessia. Ter medos. Encarar de frente. Ter bloqueio criativo. Inovar. Escrever. Criar categorias. Escrever. Criar conceitos. Escrever. Enviar convite celebr(ação). Ter recepção as ideias. Receber materiais. Ouvir áudios. Transcrever. Refletir. Olhar fotografias. Transcrever. Refletir. Sangrar. Ouvir áudios novamente. Transcrever. Refletir. Sangrar. Refletir. Ser atravessada. Transcrever. Celebrar.

Queremos iniciar essa categoria, escrevendo o quão difícil é ser atravessada por narrativas que nos fazem rasgar-se pôr inteire, mas quão saboroso é, também, ser curada por elas. Se você, leitora, leitor, leitores, chegou até aqui, é porque mergulhou e, assim como nós, submergiu de outra forma, atravessades. Suponho que, tenha rido, tenha chorado, tenha se questionado, ficado em dúvida, aprendido, saído ainda mais curioso, se sentido pertencente. Poder ouvir, poder transcrever, poder refletir sobre as memórias (re)vividas, aqui, configura-se narrações encarnadas, onde trajetória pessoal e coletiva, construção artística e formação comunitária se entrelaçam de maneira indissociável. Sob a perspectiva da narraetnografia, não estamos diante de depoimentos individuais, isolados, mas de narrativas que produzem conhecimentos a partir da vivência situada, do corpo em trânsito e da memória coletiva, contracolonizando uma norma pré-estabelecida.

Pedimos que deixem lápis e papel em mãos, pois virão muitas indicações, para que essa pesquisa-vida não permaneça presa nessas laudas, mas na vivência de vocês. E a primeira indicação se segue do documentário de chamamento e celebr(ação), parte do projeto, Narrativas negras não contadas, denominado, “Meu nome é Tiana”, sobre a travesti mais idosa do Brasil. Segue o fio da tecetura.

*Tiana, travesti preta de 92 anos, moradora de Governador Valadares-MG e católica fervorosa, se relaciona com sua comunidade de forma naturalizada e humana, tendo pessoas em sua vida que a respeitam, acolhem, e acima de tudo, normalizam a sua existência. Contribuído para que seu direito à fé não seja cerceado. O documentário retrata a relação de Tiana com a religiosidade, e as dificuldades que ela encontrou para poder existir e pertencer.*

*Ver a resiliência, e não só isso, a normalidade da sua trajetória que se iguala a de muitos brasileiros que vivem não só no interior, mas também nas grandes capitais nacionais, prova que nossos corpos e histórias vão tão longe quanto possível, quando vivemos com respeito e dignidade, em relação às nossas existências, em comunidade, no coletivo.*

*Tiana é o símbolo vivo, de um futuro presente, de uma realidade possível, não só de sobrevivência, mas de uma real vivência! Poder celebrar uma travesti preta, idosa, em vida, que vive sendo quem é, praticando a sua fé, ao lado de amigas, que cuidam e se preocupam, quando trabalhou a vida inteira, e hoje é aposentada, podendo desfrutar da sua independência, sem abrir mão de pertencer a sua comunidade, É UM PRIVILÉGIO. E é nesse pequeno detalhe, que mora o deleite desse documentário.*

*E nessa história, o novo reverência à ancestralidade, pois foi com os jovens da House of Basted, que ela descobriu a possibilidade de retificação dos seus documentos, e passar a existir oficialmente, perante o governo. Essas relações nos mostram a importância de sermos COLETIVOS, e o poder que a sociedade tem de possibilitar, ou não, as nossas existências. Assistir a uma história como a de Tiana, traz o sentimento de poder pertencer sem abrir mão. Numa sociedade em que, ser LGBTQIAPN+, é muitas vezes sinônimo de não poder comungar com a nossa comunidade. O documentário traz um sopro de esperança, mostrando que a possibilidade de existir, é real.*

Trazemos à tona, a narrativa de Tiana, para que possamos celebrar em vida, as possibilidades outras, de uma existência. Encarnamos Tiana, como uma possibilidade de pertencimento, e conhecimentos coletivos. Ao ser convidada pela House de Basted, para um baile em sua homenagem, denominado “Tianaball”, e fazer parte daquele coletivo como a vó da casa, Tiana exclama: “Eu sou a vó, mas também sou a rainha das besha tudo”. (Feitosa 2022, p. 93), descreve como, “o pertencer, o acolher e o (com) partilhar [...] fundamentos que propiciam o aprender a ser-viver-estar como parte de nossa constituição onde afetamos e somos afetados com-pelo outro. E ainda, um reverenciamento à ancestralidade”.

## **NARRAETNOGRAFIAS-VIDA**

---

Pensando uma educação narraetnográfica, RumVoguing, uma pedagogia ballroom, trazemos em diálogo alguns pontos importantes, citados pelas pessoas participantes, pelas corpos políticas e performantes, dessa escrita. Quando Geovana 007 traz na sua fala:

*“Então, a minha casa era sempre o lugar em que as pessoas tinham um lugar pra se montar nos finais de semana, pra poder ir para as baladas, porque as famílias não aceitavam. Então, os meus amigos drag queens, até as minhas amigas trans, era lá que a gente se arrumava. Então, minha casa meio que parecia um camarim, o meu quarto tinha vários espelhos, assim. Em cada parede do quarto, tinha um espelho. Tinha o meu, com a minha iluminação, com a minha penteadeira, que era onde eu me arrumava, e tinha outros espelhos no quarto, que era para as minhas amigas se arrumarem”. Geovana Soares (Geovana 007).*

Automaticamente acionamos (Evaristo 2020, p. 38), quando menciona a escrevivência/nossas escritas, como não narcísica, afirmando Narciso como solitário e indiferente/surdo as nossas vozes (esse espelho não nos contempla). Assim, (Evaristo, 2020) nos ancestraliza, dizendo que o nosso abebè é o de Oxum e Iemanjá. Dessa forma, trazemos no relato de Geovana 007, uma imagem que contemple essa ensinagem ancestral, (Feitosa, 2022), a Oxum incorporada em Geovana. Na imagem, Oxum se contempla no abebè, no espelho. Espelho esse que guarda Mistérios, que ensina o amor-próprio, o amor estratégico antes de tudo. Certa vez em suas redes sociais, Mãe Geovana escreveu: “A mulher de Oxum é um rio, com altos e baixos, profunda e rasa em determinados momentos, cheia ou seca ela sempre vai rasgando a terra e trilhando o seu caminho de encontro ao mar. Quando uma filha de Oxum derrama suas lágrimas, fertiliza a terra, regando a vida, pois Oxum é vida, é amor”.

Geovana, corpo-terreiro e corpo-baile, que manifesta sua ancestralidade, Rum Vogando no terreiro de candomblé, e desfilando na passarela dos bailes, ensina, para além de uma cosmopercepção, conhecimentos insubmissos de sobrevivência. Assim como Oxum feiticeira, Oxum Iyamin, ela segue fazendo as suas mandingas, e suas águas correrem por espaços outros, espaços nossos.

Aproveitando ainda, das ensinagens que reverbera as falas de Geovana 007, encruzo esse diálogo com Hilk Ratturas, corpo-terreiro e corpo-baile também, que nos conta:

*“Faço parte da Comunidade de Terreiro Angola Nzo Águas da Penha, conduzida pela minha vó de santo, Mamett’u Jaciara Chagas, e sou filho da Mamett’u Maluh Andrade, travesti, artevista e afro-religiosa. O Nzo foi fundamental para me mostrar que eu também sou merecedor de ter fé. Por muito tempo, fui levado a acreditar que não era digno daquilo que a fé pode oferecer, mas são em momentos como, o samba logo após o encerramento do xirê, ajeum com a família reunida, que tenho certeza de que todo mundo merece se sentir seguro, acolhido e amado.”* Hilquias Gomes (Hilk Ratturas).

Retomando o documentário em celebração a Tiana Basted, na reta final, há um depoimento que consideramos importante ser trazido. O pai da House of Basted faz um discurso de abertura, dizendo que: “Não há nada mais ballroom, que celebrar a vida de uma travesti de 92 anos. Logo após, ele explica que, enquanto a cultura ballroom estava nascendo, nos anos 70, lá em Nova York, Tiana já estava fazendo ballroom aqui no Brasil”. Para além do simbólico, celebrar e mandingar uma aprendizagem de coletividade, que vai contra um Cistema perverso, que tenta nos apagar constantemente, é também resistir e contracolonizar os espaços possíveis de conhecimentos insubmissos (Moura, 2023).

Quando Hilk Ratturas e Geovana 007 subvertem a lógica, narrando suas aprendizagens em bando, (Souza, 2025), seja nos bailes, ou nos chãos de terreiro, se cria um elo narraetnografico, onde os atravessamentos e a construção de conhecimentos, passam a ser, simultâneas, espiraladas, (Martins, 2021) e pertencentes, (Feitosa, 2022). Não se torna mais necessário uma educação baseada no formal, com grades e muros. As aprendizagens e saberes ancestrais dão conta.

Quando Pérola Negra Ratturas e Xico Ratturas, filha e pai, dentro da cena, relatam sobre e não apenas a cena como passarela, mas como espaços de potencializações, e políticas sociais, enxergamos um outro lado desses espaços. Aqui, mais uma vez, as águas que unem terreiro e bailes, se encontram. Uma vez que, o chão de terreiro, para além da espiritualidade, é um espaço de construções políticas, desde o ajeum que é partilhado com a comunidade, mas pautas sobre gênero, empregabilidade, racismo, conhecimentos afrodiaspóricos, conhecimentos Acuir lombados (Silva, 2025), intolerância religiosa, acolhimento etc. Nos bailes, para além do caminhar, das disputas, dos prêmios, existe também uma performance de partilha, de

transbordo, de luz. Luz é poder [...] A luz precisa ser gerenciada, precisa ser cortada, editada, (Leal, 2020, p. 133).

*“Para mim, é família, é conexão, é empoderamento, é onde eu posso me ver enquanto pessoa, artista [...] Eu não posso fazer com que o dinheiro gire só para mim, eu não posso fazer com que essa economia, com que essa potencialidade artística chegue só em mim, eu quero que ela chegue em mim, e que ela transborde para outras pessoas, que isso seja Inspiração para que outras pessoas possam chegar e fazer com que esses espaços e esses acessos continuem existindo, continuem crescendo, continuem chegando dentro das suas potências máximas, e é isso”.*

Pérola Lavigne(Pérola Negra Ratturas)

*“Eu pesquiso a cultura em uma questão de estrutura, de significado e de atravessamentos, desde a necessidade das categorias, dos bailes né? A importância e o significado de cada coisa, o porquê de cada coisa, até qualidade de vida, saúde, empregabilidade, todas essas questões, que são atravessamentos para as pessoas que fazem parte dessa cultura, que fazem parte dessa comunidade, que tem um recorte muito específico da comunidade LGBTQIAPN+, que é uma comunidade preta, uma comunidade majoritariamente trans, é uma comunidade periférica em sua maioria, então são recortes, são atravessamentos, que acabam sendo muito específicos, muitas vezes, e acabam gerando certos atritos, então eu particularmente foco muito a minha pesquisa, foco muito o meu estudo, a minha percepção nisso. Entender como agem esses atores, essas peças do cenário e como a gente pode buscar melhores qualidades de vida para essas pessoas também”.*

Romário Silva (Xico Ratturas)

A categoria “Poéticas de um encontro encruzilhada” opera como um lugar de condensação ética, estética e política. Diferente das categorias anteriores, que constroem territórios, historicizam práticas e apresentam conceitos, aqui o texto desloca-se para o campo da pulsão vital, interrogando aquilo que sustenta os corpos dissidentes em movimento, apesar da violência, da precariedade e da ameaça constante de apagamento. Aqui, a narrativa pulsa nas nossas mãos, e no nosso olhar.

A partir do Artevismo (Ramos, 2025), trazemos Purple May Kiki DiBarro, Princess da cena, fazendo da sua arte, estranheza, para além do gênero, para além dos traumas, uma cura. Como Oliveira (2023, p. 40) poetisa na sua fala, em agradecimento a sua Drag (Stefani Crown), e sua arte, “A minha dor, hoje se transforma em arte...não disse superação”, disse ARTE). Junto a sua irmã de cena, também Princess, Kami DiBarro, seguem não apenas sendo lideranças importantes dentro das cenas, mas entendendo esses espaços, como espaços coletivos e educacionais, como espaço de performance estético-política. Através suas narrativas narraetnograficas, podemos ver, não só a narraetnografia encarnada, mas o RumVoguing como conceito de articulações-afeto, e união pertencente, aproximar a ideia de Rum, do voguing, o conceito celebra o diálogo entre tradição e reinvenção, entre terreiro e ballroom.

*“Nós somos um grupo extenso, de artistas independentes, de profissionais que estão ali, de músicos dançarinos, que estão ali correndo atrás do seu, para ganhar o seu pão de cada dia, para conseguir a sua grana, sua verba, para poder se sustentar, e poder fazer mais e mais e mais, para além da comunidade, né? Mas lembrando, foi o palco da ballroom que trouxe a gente aonde a gente tá, então eu sou muito grato, sou muito feliz, por fazer parte da comunidade, e eu vou estar aqui com a comunidade sempre, até sei lá, até onde Deus quiser”.*

Matheus (Puple May DiBarro)

*“O candomblé, ele tem essa tradição ancestral do coletivo, porque a união faz a força, quando você se une a um grupo, é mais fácil de enfrentar essa violência social, a opressão, tudo isso que marginaliza uma pessoa, que pode levar essa pessoa às vezes a um adoecimento, ou às vezes a uma perseguição, por parte da sociedade, o coletivo vem pra curar isso, o coletivo vem para proteger o indivíduo e também para o indivíduo poder proteger as outras pessoas, isso é válido também na cultura ballroom, que as casas da cultura ballroom se formam para proteger uns aos outros, para ajudar uns aos outros financeiramente, emocionalmente, de toda maneira possível, então é isso, eu acho realmente, que fazer parte de um coletivo fazer parte de uma família, de uma sociedade que as outras pessoas têm os mesmos princípios que você, e os mesmos objetivos que você, e que você tem essa oportunidade de estender a mão para o próximo, e de ser estendida a mão também, é fundamental para minorias que sofrem perseguição sistêmica, né? E é isso.”*

Flávia (Kami DiBarro)

O que move esses corpos-terreiro-baile, não é uma ideia abstrata de resistência, mas um complexo de afetos, memórias, dores e desejos, atravessados pela ancestralidade e pela coletividade. A cena ballroom e o terreiro aparecem como dispositivos de sustentação da vida, onde o corpo encontra autorização para existir fora da lógica da vergonha, da correção e da morte social. São espaços onde o excesso de gênero, de emoção, de estética, não é punido, mas celebrado.

Dentre tantas narrativas potentes, a da Maluh 007 não poderia ficar de fora. Travesti preta, mãe de santo, corpo-terreiro-baile, faz da sua arte múltipla, encruzilhada. No seu depoimento, é possível ver um misto de aprendizados, na dor, e na cura. Assim, a vida deixa de ser apenas objeto de análise e passa a ser matéria dramatúrgica, performada, narrada e reinscrita, no texto como cena. A noção de “vida em cena” não se refere somente ao palco dos bailes ou ao espaço ritual dos terreiros, mas à própria existência travesti, preta, dissidente, insubmissa, que se faz pública, exposta e vulnerável em cada gesto de sobrevivência. Viver, aqui, é sempre um ato encenado, não por artificialidade, mas por necessidade de ensinagens políticas (Feitosa, 2022).

*“Esse ano estou completando sete anos, religiosamente falando, de renascimento, de ter ganho o título de mãe de santo. Antes disso, eu tinha sido suspensa, escolhida para ser cargo em outras casas de santo também. Hoje em dia eu tenho 8 filhas e filhos de santo, pessoas que acreditam no meu cuidado, pessoas que estão comigo, e venho escrevendo essa história de respeito e de dizer que a gente enquanto pessoas trans e travestis, não estamos aqui para mudar o tradicional das casas de candomblé, não é para afrontar o candomblé, e sim dizer que a gente sempre fez parte, só nunca fomos respeitadas, inclusive, aqui no estado tem muitas mulheres trans e travestis que são mães de santo, mas que infelizmente caem nesses discursos de sempre negar sua identidade, porque fulano, beltrano e ciclano, que veio antes, que raspou e que ideologicamente pensa nesse lugar transfóbico, denomina dessa forma e tem que continuar dessa forma”.*

Maluh Andrade(Maluh 007)

Essa categoria explicita que a pedagogia que emerge dessas cenas não se estrutura pela transmissão linear de conteúdos, mas pelas partilhas de experiências encarnadas. Aprende-se a viver observando, dançando, errando, sendo cuidada, sendo corrigida, sendo chamada pelo nome que se escolheu. Como Evaristo (2020) nos explica, quando descreve o termo “ESCREVIVÊNCIA”, como uma cadeia de sentimentos. Assim, trata-se de uma educação que

acontece no corpo e entre corpos, fundada no reconhecimento mútuo e na criação de vínculos afetivos que funcionam como tecnologias de permanência no mundo.

Há, ainda, um deslocamento importante da noção de futuro. O que nos move não é apenas a esperança de um amanhã abstrato, mas a urgência do agora, permanecer viva hoje, fazer da cena um abrigo temporário contra a violência estrutural. O futuro, nessa lógica, não é promessa distante, mas continuidade do movimento, da dança, da encruzilhada. Sobreviver já é, em si, um gesto radical de imaginação política.

Assim, essa categoria revela que a vida em cena não é espetáculo vazio, mas estratégia de existência. Performar, vogar, girar, incorporar, desfilhar, tudo isso constitui uma gramática de afirmação da vida frente a um mundo que insiste em negar humanidade a esses corpos. A cena, portanto, não é fuga da realidade, mas forma de enfrentá-la, ressignificá-la e, sobretudo, reinventá-la. Fazendo dessa cruz, encruzilhada. Relembro que aqui se encontra uma pesquisa em educação, uma educação insubmissa, uma educação outra, uma educação ball-terreiro. Vivam as ball, celebrem, ouçam as músicas, visitem os perfis das pessoas que fazem parte dessa pesquisa, e além. Celebrem, o terreiro, celebrem a Ballroom, celebrem a vida.

## O ESTALAR

---

*É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso?  
Comprometer a escrita com a vida?*

*Conceição Evaristo. Da Grafia-Desenho de Minha Mãe, um dos Lugares de Nascimento da Minha Escrita, 2007, p.16-21*

Há nos bailes, um movimento, outro símbolo, que é o estalar dos dedos, sim o estalar (tlaque). Toda vez que alguém desfila, se sai bem em uma categoria, faz um dip, faz um Lip Sync, esse movimento é acionado (tlaque, tlaque). Essa performance é equiparada dentro dos bailes a bater palma, reverenciar quem está ali, um brilho a mais, um close, um rasgo, um bapho.

Assim como o estalar, que para além de ritmado e sequencial, é contínuo, essa escrita seguirá. Ela estalará e ecoará, nos becos e vielas da vida. Através da narraetnografia, do RumVoguing, dos bailes, dos xirês, das giras. Fazer dessa escrita, uma poética democrática e albergue (Feitosa, 2022). Assim, fazemos indicações: conheçam as artistas que compõem essa escrita, apoiem. Escutem Linn da Quebrada, Pérola Negra, Irmãs de Pau, Quesia Souza, Pedro Sampaio, Majur. Assistam os documentários, Paris is Burning, Meu nome é Tiana, Depoimentos de Mulheres Negras e Eu, Oxum. Assistam Pose e Legendary. Leiam Conceição Evaristo, Belijane Feitosa, Beatriz Martins, Luiz Rufino, Stella Carvalho.

Que ótimo estalar não seja apenas no chão do baile-terreiro, mas nas nossas consciências, fomentando as educações insubmissas, hackeando espaços e criando novas formas de aprendizagens-ensinagens, no afeto, no acolhimento, no coletivo, no bando. Jesus (2020, p. 5) nos diz que “nascemos sem voz e sem direito às decisões próprias, o choro é a primeira expressão de todos/as”, lembramos assim também que o choro de Oxum foi o primeiro llà do mundo, fazendo-nos entender e contracolonizar os nossos afetos.

Que sejamos como Exu, que não foi sincretizado e colonizado, que achemos brechas ou a criemos. “Precisamos encontrar outras formas de abordar as nossas narrativas, inventar, reinventar e transbordar nas nossas ações. Que as nossas afetividades, desejos e perspectivas não sejam colonizadas” (Jesus, 2023). Que a Narraetnografia RumVogada seja escape e forma de Sobre-Vivencia.

**AGRADECIMENTOS:** À CAPES.

**CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES:** concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante.

**CONFLITOS DE INTERESSE:** A autora declara que não há conflitos de interesse.

## REFERÊNCIAS

Brito, Maria da Conceição Evaristo de. Poemas malungos – Cânticos irmãos / Maria da Conceição Evaristo de Brito. – 2011.172 f. Orientador: Laura Padilha. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2011. Bibliografia: f. 165-172.

Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed.-- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

Evaristo, Conceição. Olhos d'água. – 1. ed., Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116 p. : il. ; 21 cm

Feitosa, Belijane M. Para um carrego colonial, um ebó decolonial: saberes e fazeres da pedagogia do terreiro e sua contribuição para formação de professores. Orientador, Alfrancio Ferreira Dias, 2022. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós Graduação em Educação. São Cristóvão, SE, 2022.

Jesus, Eloah. TRANSORDINARIA: pedagogias visuais de acolhimento e representatividade de pessoas travestis na Universidade Federal de Sergipe. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Sergipe. 2023.

Jesus, Eloah; Accorsi, Fernanda Amorim. Mais que eguinha pocotó: gênero e identidade em lacraia. Anais IV Simpósio de Liberdade de Gênero e Diversidade Sexual. Minas Gerais, 2020.

Leal, Dodi Tavares Borges. ILUMILUTAS: tecnopolíticas da iluminação cênica, pedagogia crítica da luz e visualidades de corpos não-hegemônicos. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 37, p. 116–135, 2020. DOI: 10.5965/1414573101372020116. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101372020116>. Acesso em: 15 jan. 2026.

Martins, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela [recurso eletrônico] / Leda Maria Martins. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Cobogó, 2021. recurso digital; 3M (Encruzilhada)

Mombaça, Jota. Não vão nos matar agora. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 144 p. ; 21cm. (Encruzilhada).

Moura, Beatriz Martins. Pedagogia do Ebó: horizontes possíveis para a universidade a partir de mulheres de axé. 1.ed.- Curitiba: Appris, 2023. 183 p. 23cm.

Oliveira, F. P. S. Performance Drag: Processos Investigativos a partir das Vivências de um Corpo Trans Não Binário. 2023. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) - Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2023.

Ramos, H. L. S. A/r/tografia: narrativas educativas de docentes de artes na educação básica sergipana. 2025. Orientador: Alfrancio Ferreira Dias. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Sergipe.

Rufino, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Lapa, Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019

Silva, José Henrique de J. *EDUCAÇÃO E ACUIRLOMBAMENTO: CONTRIBUIÇÕES DE JOTA MOMBAÇA E ROSANA PAULINO COMO DIMENSÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA PARA TECER UM PENSAMENTO EDUCACIONAL NEGRO RADICAL*. Orientador: Alfrancio Ferreira Dias. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós Graduação em Educação, São Cristóvão, SE, 2025

Souza, Jonas Reis. *NARRAR E ESCREVIVER EM BANDO: RASTROS DE AFETOS, SABERES E RESISTÊNCIA COLETIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES-PESQUISADORES LGBTQIAPN+*. Orientador, Alfrancio Ferreira Dias. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós Graduação em Educação, São Cristóvão, SE, 2025

**Recebido:** 3 de novembro de 2025 | **Aceito:** 2 de janeiro de 2026 | **Publicado:** 22 de janeiro de 2026



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.